

Revisitando as transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil

Revisiting the pioneering radio broadcasts of the Olympic Games in Brazil

Revisitando las transmisiones radiales pioneras de los Juegos Olímpicos en Brasil

William Douglas de Almeida; Daniel Gomes do Nascimento Araújo e Katia Rubio

Resumo

Indubitavelmente, as transmissões esportivas fazem parte da história do rádio brasileiro. O futebol, como modalidade esportiva com o maior apelo junto ao público, tem a sua história radiofônica bem documentada. Todavia, os Jogos Olímpicos são uma competição de caráter universalista, que também contam com uma grande atenção das emissoras de rádio e uma bibliografia menor. Este artigo tem como objetivo apresentar o trabalho desenvolvido pelas emissoras pioneiras na transmissão de Jogos Olímpicos no Brasil, com destaque para o trabalho da Rádio Nacional. A cobertura realizada pela emissora atingia diversos pontos do país, seja pelas ondas da própria emissora, ou pelo sistema de *pool*. Mesmo sem o apelo imagético da televisão, o rádio teve um papel fundamental para a difusão de informações sobre os Jogos Olímpicos durante muitos anos no Brasil, e a Rádio Nacional teve papel de destaque.

Palavras-chave: Olimpismo; Esporte; Rádio Nacional.

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 22/12/2022 aceito em: 06/06/2023.

>> Como citar este texto:

ALMEIDA, William Douglas de; ARAÚJO, Daniel Gomes do Nascimento; RUBIO, Katia. Revisitando transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 76-104, jan./jul. 2023.

Sobre os autores

William Douglas de Almeida
jornalismo_william@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-9838-0934>

Pós-doutorando na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) e doutor pela Escola de Educação Física e Esporte da mesma instituição. Especialista em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FMU. Jornalista formado pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (FAAC /Unesp). Membro da Academia Olímpica Brasileira.

Daniel Gomes do Nascimento
danielgomes.jornalista@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5541-5113>

Especialista em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FMU. Jornalista formado pela FAAC /Unesp.

Katia Rubio
katrubio@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-5632-6494>

Professora associada da Faculdade de Educação da USP, onde fez doutorado em Educação e mestrado em Educação Física. É jornalista formada pela Faculdade de Comunicação Social da Cásper Líbero e psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fez pós-doutorado em Psicologia Social na Universidade Autônoma de Barcelona. Coordena o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP)

Abstract

Undoubtedly, sports broadcasts are part of Brazilian radio's history. Football, as the sport with the greatest appeal to the public, has a well-documented radio history. However, the Olympic Games are a competition with a universalist character, which also have great attention from radio stations and a smaller bibliography. The aim of this article is to present the work developed by the pioneer broadcasters in the transmission of the Olympic Games in Brazil, with emphasis on the work of Radio Nacional. The coverage carried out by the station reached several points in the country, either by the waves of the station itself, or by the pool system. Even without the imagery appeal of television, radio played a key role in disseminating information about the Olympic Games for many years in Brazil and Radio Nacional played a prominent role in this coverage.

Keywords: Olympism; Sport; Radio Nacional

Resumen

Sin duda, las transmisiones deportivas forman parte de la historia de la radio brasileña. El fútbol, como el deporte de mayor atractivo para el público, tiene una historia radiofónica bien documentada. Sin embargo, los Juegos Olímpicos son una competición de carácter universalista, que también cuentan con una *gran atención de las emisoras de radio y una bibliografía más reducida. El objetivo de este artículo es presentar el trabajo desarrollado por las emisoras pioneras en la transmisión de los Juegos Olímpicos de Brasil, con énfasis en el trabajo de Radio Nacional. La cobertura realizada por la estación llegó a varios puntos del país, ya sea por el oleaje de la propia estación, o por un *pool*. Incluso sin el atractivo de las imágenes de la televisión, la radio desempeñó un papel clave en la difusión de información sobre los Juegos Olímpicos durante muchos años en Brasil y Radio Nacional jugó un papel destacado en esta cobertura.

Palabras clave: Olimpismo; Deporte; Rádio Nacional

Introdução

Propagar informações de maneira ágil, seja a partir dos estúdios, seja em transmissões de diferentes ambientes, é a essência do rádio desde o surgimento das primeiras emissoras. Ao longo das décadas, o rádio, no Brasil

e no mundo, contou com a possibilidade de transmissões dos mais diversos lugares. O rádio passou por várias mudanças, mas há um elemento que fez e continua fazendo parte da história deste veículo de comunicação: o esporte. No Brasil, país no qual a monocultura do futebol domina o noticiário esportivo, falar sobre transmissões esportivas quase sempre é sinônimo de irradiações futebolísticas.

O rádio serviu de plataforma para a divulgação, massificação e ampliação dos eventos esportivos. Em troca, o meio de comunicação marcado apenas pelos sons construiu uma base fiel de ouvintes e cresceu de maneira exponencial. Criados nos últimos anos do século XIX, os Jogos Olímpicos da Era Moderna passaram por diferentes fases até se tornarem o megaevento que conhecemos nos dias atuais. Os meios de comunicação tiveram um papel de destaque e o rádio foi fundamental na divulgação do evento, principalmente na primeira metade do século XX.

Esse artigo tem como objetivo resgatar a história das primeiras transmissões olímpicas no rádio brasileiro, com ênfase na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que durante muitos anos foi a principal emissora do país e possui, até os dias atuais, alguns registros históricos. Como recorte temporal, adotamos as periodizações de Ferraretto (2018) sobre o rádio, considerando para este estudo principalmente a fase de difusão do meio de comunicação no Brasil, que coincide com as fases de estabelecimento e de conflito dos Jogos Olímpicos da Era Moderna (RUBIO, 2010).

O texto está estruturado da seguinte maneira: explicação metodológica; breve discussão sobre as primeiras transmissões de rádio no Brasil; a entrada do esporte no rádio no Brasil; as primeiras transmissões olímpicas; as transmissões ao vivo de disputas olímpicas pela Rádio Nacional nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952. Concluídas as etapas descritas acima, são feitos os apontamentos de conexões e distanciamentos entre o rádio e movimento olímpico ocorridos com o passar dos anos.

Método

Este é um artigo construído com base em uma metodologia qualitativa. Por meio de uma revisão bibliográfica, apontamos para momentos-chave que conectam o rádio e o olimpismo no Brasil. Para tal, utilizamos como referências textos sobre a história do rádio e o olimpismo. Foram consultados os relatórios oficiais dos Jogos Olímpicos e o acervo da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), atual responsável pela Rádio Nacional.

Como fontes secundárias, houve a consulta a jornais de época. O uso de jornais como fontes de informação é relevante, todavia as informações contidas em periódicos, na medida do possível, devem ser checadas e/ou confrontadas com outras fontes, haja vista a possibilidade de que algumas informações estejam equivocadas, ou que existam diferentes versões sobre um mesmo fato (LEMOS, 2008; GIGLIO, 2013). Para a busca em periódicos das décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950, foram realizadas pesquisas na Hemeroteca Digital Brasileira, selecionando diferentes periódicos por meio de palavras-chave (jogos olímpicos, rádio, transmissões esportivas).

Rádio no Brasil, pioneirismo e expansão

Para discorrer sobre a conexão entre rádio e Brasil, é preciso retornar à “pré-história” deste meio de comunicação e se perguntar: afinal de contas, quem inventou o rádio? A patente (e o prêmio Nobel de Física de 1910, pelas pesquisas que levaram ao invento) cabe ao italiano Guglielmo Marconi, no primeiro semestre de 1896. Entretanto, esse pioneirismo é alvo de contestação.

Fornari (2010 apud Ferraretto, 2012) aponta que, já em 1894, um padre brasileiro, Roberto Landell de Moura, fazia transmissões sonoras a distância, com a tecnologia que anos depois se tornaria conhecida como rádio. Almeida (2022) detalha que no dia 3 junho de 1900, Moura transmitiu informações sonoras a uma distância de 8 quilômetros, a partir de um ponto do bairro de Santana, na zona Norte da cidade de São Paulo, até a Avenida Paulista. Um

ano antes, em 16 de julho de 1899, daquele mesmo local, ele conseguiu que a transmissão de rádio chegasse a 4 quilômetros de distância.

Como padre, porém, Roberto Landell de Moura enfrentou muitas resistências para continuar as pesquisas sobre a comunicação a longa distância por meio das ondas sonoras. Até mesmo o fator religioso pesou contra o brasileiro, devido a “lideranças eclesiais que viam, no transmissor desenvolvido pelo brasileiro, ‘o trabalho do demônio’, creditando ao obscurantismo religioso, no qual se inclui a depredação de equipamentos e a destruição dos laboratórios do padre por um bando de fanáticos” (FERRARETTO, 2012, p. 38).

Apesar dos estudos de Landell de Moura, o Brasil ainda demoraria para entrar, efetivamente, na Era do Rádio. Durante muitos anos, o discurso dominante foi que a primeira transmissão de rádio no Brasil ocorreu em 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações do centenário da Independência. Contudo, há registros de outros eventos oficiais, com a presença de autoridades brasileiras, com transmissões radiofônicas, em datas anteriores.

A imprensa registra pelo menos duas outras demonstrações relevantes: as do cruzador-couraçado alemão SMS von der Tann, dotado do chamado sistema Telefunken, desenvolvido pelo consórcio Gesellschaft für drahtlose Telegraphie mbH, em 1911, na Bahia; e as da Marconi's Wireless Telegraph Company, no Rio de Janeiro, no ano de 1920. (FERRARETTO, 2018, p. 148)

Em outro texto, Ferraretto (2021) destaca que o pioneirismo do rádio brasileiro é da Rádio Clube de Pernambuco, fundada em 1919. Uma ferramenta importante utilizada por Ferraretto para a compreensão do processo histórico no Brasil é a periodização. Rubio (2010) afirma que a periodização é um recurso amplamente utilizado para facilitar a compreensão histórica dos mais diversos fenômenos. Ao trabalhar com essa sistemática, é importante compreender as passagens entre os períodos como ciclos, não colocando inícios e fins precisos, mas sim vendo as particularidades e compreendendo a riqueza existente nos momentos de transição.

Retomando os estudos de Ferraretto (2018), ele propõe os seguintes períodos:

1) fase de implantação, do final da década de 1910 até a segunda metade dos anos 1930;

(2) fase de difusão, do início da década de 1930 até a segunda metade dos anos 1960;

(3) fase de segmentação, do final da década de 1950 até o início do século XXI;

(4) fase de convergência, de meados da década de 1990 até a atualidade

Para esse artigo, concentramos os estudos na fase de difusão do rádio no Brasil. É neste período que a Rádio Nacional se consolida como um fenômeno de audiência, “fazendo jus à sua denominação e espraiando-se pelo território do país como a única emissora a exercer na história do meio uma hegemonia que ultrapassasse a sua região de origem” (FERRARETTO, 2018, p.11).

A compreensão sobre a expansão do rádio no Brasil entre as décadas de 1920 e o final dos anos 1940 fica mais clara ao analisarmos o levantamento feito por Azevedo (2002). Segundo o autor, durante os anos 1940 e 1950, era comum que uma mesma emissora transmitisse a mesma programação em diferentes frequências. A Rádio Nacional, por exemplo, apresentava sua programação em quatro canais.

Ano	Emissoras fundadas
1923	2
1924	5
1925	3
1926	2
1927	2
1928	2
1929	0
1930	0

1931	1
1932	0
1933	5
1934	15
1935	9
1936	8
1937	5
1938	0
1939	6
1940	10
1941	11
1942	7
1943	3
1944	8
1945	6
1946	26
1947	42
1948	49
1949	26

Fonte: Anuários estatísticos do IBGE 1936 e 1960 (apud Azevedo 2002)

Paralelamente à expansão das emissoras de rádio no Brasil, houve um avanço exponencial do acesso aos aparelhos receptores. Era necessário registrar a compra desse equipamento junto ao Departamento de Correios e Telégrafos. Em 1923 o Brasil tinha registradas 563 licenças de aparelhos; apenas 25 anos depois, em 1948, esse meio de comunicação já era encontrado em 91% dos domicílios do Rio de Janeiro e em 88% das casas de São Paulo (AZEVEDO, 2002).

O rádio era um meio de comunicação que ganhava cada vez mais adeptos e levava para dentro dos lares o lazer, informação e também o esporte, que passava por um momento de afirmação e descobria, em uma relação que começou conflituosa, o poder desse meio de comunicação.

Fundada em 1936, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, inicialmente uma emissora privada, foi incorporada ao patrimônio da União em 1940, durante o período do Estado Novo. Diversos autores, como Crepaldi (2009), Solis (2010), de França Pereira (2012) e Mustafá (2014), destacam o trabalho

realizado pelo governo federal com a estrutura da Nacional, que tornou-se líder de audiência e uma referência em todo o país. De França Pereira (2012, p. 135) destaca que a gestão implantada pela direção da Rádio Nacional a partir de 1940 teve muitos méritos na montagem de programação e atrações, “fazendo-a cada vez mais atrativa e, conseqüentemente, elevando seus índices de audiência”. De acordo com Mustafá (2014), a relevância da Rádio Nacional do Rio de Janeiro ganhou ainda mais destaque a partir de 1942, com a inauguração de um novo transmissor em Ondas Curtas, tornando a emissora uma das mais potentes do mundo. A emissora tinha um papel de destaque na formação da identidade nacional e o esporte, como fenômeno cultural, não ficou à margem desse processo.

Uma paixão inseparável, o rádio e o esporte

“O rádio, positivamente, não está fadado a ter no futebol um campo propício. Não que essa maravilhosa invenção do nosso século seja de completa inutilidade. Pelo contrário, por ser de grande serventia aos amantes de futebol é que os dirigentes de partidas o condenam. [...] O futebol está destinado a ser inimigo figadal do rádio” (GUIMARÃES, 2020, p. 84).

O texto acima parece anunciar uma profecia errada, com ares cômicos. O trecho acima foi publicado pelo jornal *A Gazeta*, em edição de 11 de dezembro de 1930, e recuperado por Guimarães (2020). Em vez de um grande erro, porém, o que as frases acima revelam é um olhar atento e perspicaz sobre uma verdadeira paixão. Esporte e rádio viviam um amor proibido em seus primórdios, mas essa paixão teve final feliz.

Soares (1994) considera que a primeira transmissão de uma partida de futebol no Brasil ocorreu em julho de 1931, com a irradiação de um jogo válido pelo VIII Campeonato Brasileiro de Futebol entre as seleções paulista e paranaense, realizada por Nicolau Tuma, pela Rádio Educadora Paulista. Dois anos depois, a Associação Paulista de Esportes Atléticos tentou proibir as emissoras de transmitir partidas. Apesar de ser uma entidade “amadora”, a mesma estava preocupada com a queda na arrecadação de dinheiro com a

bilheteria dos jogos, e culpava as transmissões radiofônicas por isso.

O conflito em São Paulo, entretanto, estava longe de ser algo inédito. Anos antes, em 1929, o Botafogo proibiu a Rádio Club do Brasil de transmitir informações ao vivo sobre um amistoso realizado entre a seleção carioca e os italianos do Bologna. Guimarães (2020) aponta que, dias antes, o Fluminense havia realizado um amistoso contra o Ferencvaros, da Hungria, e que a mesma proibição já havia ocorrido. Ainda segundo o autor, em novembro de 1929, o jornal *A Manhã* publicou que a Confederação Brasileira de Desportos havia proibido a Rádio Club de irradiar uma partida da seleção brasileira. Portanto, se aconteceu essa proibição, certamente já havia transmissões ou ao menos tentativas de transmissões esportivas.

Todavia, os relatos acima não desmerecem o pioneirismo de Tuma. Ao analisar os primórdios do futebol no Brasil, Máximo (1999) reconhece que houve partidas no país antes mesmo do jogo considerado inaugural do futebol brasileiro (uma partida realizada na rua do Gasômetro, em São Paulo, no dia 14 de abril de 1895). Para Máximo, aquela partida é a “verdadeira semente do futebol brasileiro”, por carregar características que se perpetuaram ao longo dos anos. Do mesmo modo, as transmissões esportivas, tais como conhecemos hoje, têm sua origem na irradiação realizada por Tuma em 1931.

Soares (1994) detalha que, “determinado a cumprir a missão de filmar oralmente o jogo, o locutor [*Nicolau Tuma*] é obrigado a narrar em alta velocidade, enunciando os detalhes como uma metralhadora de palavras” (p. 30) e que se valeu da criação de outros códigos que permitissem ao ouvinte melhor compreender aquilo que estava sendo irradiado, como as dimensões e o desenho do campo, a posição e formato do gol e os detalhes da regra do jogo. “Com essa linguagem repleta de expressões, muitas vezes engraçadas e redundantes, eles [*locutores*] recriam o ambiente e os momentos da partida, acrescentando-lhes entusiasmo e multiplicando suas emoções” (p. 61).

Desde seus primórdios, as transmissões esportivas de rádio foram demarcadas pela criação de “imagens mentais”, a partir de uma linguagem coloquial, direta e de fácil entendimento, apresentando “um jornalismo de

natureza 'substantiva' em seu grau máximo, com a 'recriação' do fato para o ouvinte com toda a emocionalidade que as palavras podem conseguir" (ORTRIWANO, 1985, p. 26).

O futebol ganhava espaço na sociedade brasileira, e as ondas do rádio acompanhavam esse movimento. Outras modalidades também tiveram seu espaço no *dial*. E não foi apenas por meio das rádios brasileiras que as informações esportivas chegaram até o território nacional.

O rádio e os Jogos Olímpicos

Um documento elaborado pelo Comitê Olímpico Internacional sobre a história dos meios de comunicação nos Jogos Olímpicos (LARROSA, 2016) aponta que em 1924 a possibilidade de haver a transmissão radiofônica de competições olímpicas era uma preocupação para os organizadores, que encaravam o meio de comunicação como um problema, tendo em vista que poderia impactar negativamente na venda de ingressos.

Oito anos depois, porém, o rádio deixa de ser visto como um adversário e passa a ser considerado um importante veículo de divulgação. De acordo com o relatório oficial dos Jogos Olímpicos de Los Angeles 1932, o trabalho de radioamadores foi fundamental para a propagação de informações sobre a competição. Ao todo, 1,5 mil pessoas trabalharam voluntariamente divulgando informações que foram fornecidas por membros do comitê organizador. Algumas emissoras de rádio fizeram programas especiais sobre os Jogos e houve até mesmo uma série semanal com dramatizações sobre o evento olímpico (Xth OLYMPIADE COMMITTEE OF THE GAMES OF LOS ANGELES, 1933).

O rádio passava a superar as barreiras dos continentes, e as ondas sonoras eram propagadas cada vez mais longe. Silva Neto (2011) indica que a primeira transmissão internacional em ondas curtas ocorreu na noite de ano novo de 1923 pela estação americana KDKA, com uma programação festiva destinada ao Reino Unido. Em 1929, Países Baixos, Grã Bretanha, França e Bélgica inauguraram emissões internacionais. Sobre a relação entre Jogos

Olímpicos e Brasil, um marco importante é o início das transmissões da rádio alemã DJA, em 1932. Ferraretto (2010) indica que a emissora realizava transmissões em alemão, espanhol e português. Com o grande número de imigrantes alemães vivendo no Brasil nesse período, a chegada do sinal ao país era uma estratégia de divulgação de informações por parte do governo alemão. *O Diário de Pernambuco*, em 29 de dezembro de 1935, trouxe a programação da “Estação Allemã D.J.A”, sendo que às 2h30 era transmitido um programa chamado “O equipe allemão (jogos olímpicos)”¹⁰, com duração de 15 minutos (RÁDIO, 1935).

Em 11 de janeiro de 1936, a relação entre rádio e Jogos Olímpicos volta a ser notícia, dessa vez no jornal *Correio da Manhã*:

“A Rádio Cruzeiro do Rio de Janeiro, iniciará hoje e transmissão do Programma Olympico, com notícias transmitidas diretamente da Alemanha sobre as Olimpíadas que se realizarão este ano em Berlim. Para a inauguração desse programa, que será dado das 9,15 às 9,45 da noite, dentro da Rede Verde Amarella, foram convidados e ocuparão o microfone da PRD-3, o sr. W. Koenig, representante oficial do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos em Berlim, e o general Newton Cavalcante, representante do Comitê Olímpico Brasileiro.” (PROGRAMMA OLYMPICO, 1936).

Em abril de 1936, o *Correio da Manhã* noticia a entrada de um novo programa com a temática olímpica, por meio da estação de ondas curtas alemã, mas em português.

Para melhor informar ainda o Brasil sobre as preparações olympicas, a estação de radio-difusão de Berlim resolveu de transmitir de 17 de abril em diante para o Brasil, regularmente as mais recentes noticias pre-olympicas. Estas transmissões de radio, que se repetirão todas as sextas-feiras, de 10,15 a 10,30 horas, poderão ser ouvidas na onda-curta de 31,45 metros 9.540 KHZ. (INFORMAÇÕES OLYMPICAS, 1936, p.10).

Muito além de um simples evento esportivo, a disputa olímpica ganhava, já na década de 1930, um contorno político importante, sendo a condição de sede do evento utilizada politicamente pela Alemanha. Afinal, conforme aponta Lemos (2008, p. 28), desde então o esporte já se constituía “um meio de identificação nacional e comunidade artificial, visto que

¹⁰ A grafia foi mantida conforme constava nos jornais de época consultados para a produção do artigo, incluindo erros de pontuação e acentuação.

evidenciou os laços que uniam todos os habitantes do estado nacional, independentemente das regiões”. Nessa mesma linha, Almeida e Rubio (2018) indicam que após o Congresso Olímpico de Paris, em 1915, os papéis de federações internacionais e dos comitês olímpicos nacionais ficaram mais claros dentro da estrutura do movimento olímpico, levando a uma conexão ainda mais direta da representação entre atletas e nações. A divulgação de informações olímpicas por parte dos alemães no sistema público de rádio não ocorria ao acaso, afinal, conforme detalha Mostaro (2012), a organização dos Jogos Olímpicos em Berlim foi uma forma de resgatar a autoestima do povo alemão e de demonstrar, internacionalmente, a força política da Alemanha naquele momento. O projeto de propaganda nazista incluiu até mesmo a realização de um filme sobre os Jogos, o documentário *Olympia*.

Conforme noticiou o *Correio da Manhã*, em maio, o Comitê Olímpico do Brasil enviou um convite para a Associação Brasileira de Imprensa para nomear um jornalista a fim de que viajasse até a Alemanha para realizar a cobertura dos Jogos. Foi escolhido Antônio Cordeiro, jornalista do periódico *A Noite*, que anos mais tarde faria história pelos microfones da Rádio Nacional. Em 24 de julho de 1936, já às vésperas dos Jogos, o *Diário da Tarde* anunciava:

Para o próximo início das Olimpíadas em Berlim, a estação alemã de Ondas Curtas, D J N (31,45m - 9540 kilocyclos) sofreu notáveis aperfeiçoamentos técnicos. Desde 1º de agosto, a sua potência será aumentada para 40 kilowatts. Considerando que a atual energia de irradiação é de unicamente 5 kilowatts podemos esperar uma esplêndida recepção das transmissões alemãs a começar no próximo mês. No Campo de Esportes de Berlim foi construída uma central de irradiações que informará 440 países sobre o estado momentâneo dos Jogos Olympicos. A cerimônia de abertura das Olimpíadas será transmitida no dia 1º de agosto da 1 às 2h30 do tempo europeu (9-10h30 hora brasileira). A festa de encerramento dos Jogos Olympicos poderá ser ouvida em 16 de agosto das 9 às 11 horas do tempo brasileiro. As transmissões da Estação Alemã de Ondas Curtas informando sobre o curso dos Jogos da Olimpíada poderão ser ouvidos no Brasil diariamente das 7 às 8 horas em português e das 9h às 10 horas em alemão e espanhol. (A TRANSMISSÃO DOS JOGOS OLYMPICOS PARA O BRASIL PELO RADIO, 1936, p. 6).

Uma semana depois, em 31 de julho, o jornal *O Imparcial* trazia mais

informações sobre como funcionariam as transmissões da Alemanha para o Brasil.

O Departamento de Propaganda enviou a Berlim para acompanhar as Olympiadas um dos seus speakers afim de transmitir diariamente para o Brasil uma reportagem radiophonica do desenrolar da grande parada atlética. Esse funcionário brasileiro conseguiu das emissoras berlinenses "D.Z.C." e "D.Z.H" que fizessem diariamente uma irradiação de dez minutos para o nosso paiz. Assim, a partir de amanhã, 1º de agosto, as emissoras alemãs, por iniciativa do Departamento de Propaganda, transmistirão uma reportagem em portuguez, durante 10 minutos. Para tanto a Radio Internacional do Brasil se prontificou a cooperar com o Departamento. O horário das transmissões (hora local é o seguinte: de 1 a 7 de agosto das 19h20 às 19h30; de 8 a 15, das 18h50 às 19h e, finalmente, no dia 16 de agosto, de 19.20 às 19.30. Para que todos no Brasil possam acompanhar as reportagens olympicas o Departamento de Propaganda retransmitirá aqui (TRECHO ILEGÍVEL) referidas. (OS JOGOS OLYMPICOS SERÃO IRRADIADOS PARA O BRASIL, 1936)

Apesar de não ser possível ler uma das últimas palavras da nota, é claro que houve um esforço governamental brasileiro ao enviar um funcionário até a Alemanha, a fim de que ele conseguisse, junto às autoridades alemãs, a permissão para a irradiação de informações ao Brasil. Outro ponto de destaque é um anúncio de venda dos receptores de rádio Philips, publicado no dia 2 de agosto, que citam o rádio como o meio de comunicação mais rápido para anunciar os vencedores dos Jogos Olímpicos.

O rádio mostrava sua força como meio de comunicação para a divulgação de informações sobre os Jogos Olímpicos. Conforme nota do jornal *A Notícia*, de 8 de agosto de 1936, "O Departamento de Propaganda transmite, diariamente, na Hora do Brasil, às 19.20 horas, amplas e completas reportagens sobre os Jogos Olympicos, realizados no decorrer do dia em que é feita a irradiação" (REPORTAGENS SOBRE AS OLYMPIADAS, 1936). Além de divulgar as transmissões, o jornal também se valeu das transmissões radiofônicas, ao publicar, em 16 de agosto, trechos de uma entrevista concedida pela nadadora Piedade Coutinho ao programa "Hora do Brasil" do dia anterior.

Além das transmissões da Hora do Brasil e da rádio alemã, outra opção

para o público brasileiro era acompanhar a transmissão olímpica pelas ondas da BBC, o serviço de rádio público da Grã-Bretanha, que também chegava aos receptores brasileiros por ondas curtas. Em 9 de agosto de 1936, o *Jornal do Brasil* publicou:

As estações transmissoras inglesas, a exemplo das alemãs, estão realizando transmissões especiais relativas ao desenrolar e aos resultados das justas internacionais que estão sendo efetuadas no Estádio Olímpico da capital alemã. A British Broadcasting Corporation, com efeito, oferece por meio de suas estações emissoras, uma série de informações interessantes sobre os jogos olímpicos (TRANSMISSÕES ESPECIAIS DA PRÓXIMA OLIMPÍADA, 1936).

De acordo com o relatório oficial dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, 41 companhias estrangeiras enviaram 105 repórteres de rádio para Berlim. Em 16 dias, foram 2.328 reportagens (entre ao vivo e gravadas) e vinte transmissões foram irradiadas ao vivo para a Europa. O Brasil teve nove jornalistas credenciados, mas não há dados sobre quantos trabalharam para as rádios e para os meios de comunicação impressos (ORGANISATIONSKOMITEE, 1937).

Após a edição olímpica de Berlim, os Jogos Olímpicos teriam um hiato de duas edições. O rádio continuou a ganhar força nesse período e esse vigor foi percebido como um feito histórico para os ouvintes brasileiros nos Jogos de Londres 1948.

Um marco para o rádio brasileiro

Em 1948, quando Londres foi sede dos Jogos Olímpicos, o rádio já era um meio de comunicação consolidado na Europa. A BBC coordenou todo o trabalho de mídia dos Jogos, sendo também a responsável pela infraestrutura. As primeiras discussões sobre o trabalho das equipes de rádio ocorreram 20 meses antes das disputas, em 1946. Essa edição olímpica contou com 60 organizações de rádio, de 28 países, que transmitiram em 41 idiomas. Para a cerimônia de abertura, 28 das 32 posições do estádio que permitiram as irradiações ao vivo foram utilizadas (THE ORGANISING COMMITTEE FOR THE XIV OLYMPIAD).

No Brasil, a transmissão dos Jogos Olímpicos mobilizou diversos profissionais de rádio. Em 7 de julho de 1948, o jornal *A Manhã* publicou a seguinte nota:

“Sabe-se que a Nacional, Mayrink, Globo, Tupi-Tamoio e Rádio Continental estão providenciando o envio de seus repórteres esportivos a Londres, para transmissão dos Jogos Olímpicos. Os nomes em foco pela ordem são: Antonio Cordeiro, Oduvaldo Cozzi, Fernando Jacques, Mario Provenzano e Gagliano Neto. A BBC de Londres manterá, através do Serviço Brasileiro, uma série de boletins informativos, a serem apresentados a partir do dia 26 do corrente, diariamente das 20,00 às 20,30 (hora do Rio).” (AS OLIMPÍADAS DE LONDRES, 1948, p. 6)

Apesar da “previsão” realizada pelo periódico, o escolhido pela Rádio Nacional não foi Antônio Cordeiro, mas Pilar Drummond, eleito por votação de membros da Associação Brasileira de Imprensa. Dias depois, em 19 de julho de 1948, o jornal *A Noite* noticiava que a Rádio Nacional transmitiria reportagens e comentários diários dos Jogos Olímpicos, que teriam sido viabilizados graças ao patrocínio de uma empresa (Lojas Murray). Além do trabalho para a Rádio Nacional, Pilar Drummond publicou textos para o jornal *A Noite*.

A Rádio Nacional, porém, não foi a única a irradiar informações para o Brasil. Anúncios no jornal *Correio da Manhã* indicam que havia um programa sobre os Jogos Olímpicos na Rádio Continental, todas as noites, às 21h, entre 27 de julho e 17 de agosto. Anos depois, em 1951, o radialista Gagliano Neto comentou em entrevista à *Revista do Rádio* sobre o desafio de produzir conteúdo olímpico para a Rádio Continental, que havia entrado no ar poucos meses antes dos Jogos de 1948 (A SERVIÇO DO POVO POR TODA A PARTE, 1951, p. 35). Também pelas páginas do *Correio da Manhã*, de 14 de agosto, é possível notar que a Rádio Roquette Pinto tinha um horário reservado para informações sobre os Jogos Olímpicos (das 20h às 20h30) em “combinação com a BBC de Londres”. Na mesma edição, o *Correio da Manhã* apontava que o “Boletim Olímpico” da Nacional era transmitido às 22h35.

Dentre tantas disputas naquela edição olímpica, a campanha da seleção brasileira de masculina de basquetebol foi o grande destaque. Após

os bons resultados na primeira fase, o Brasil jogaria a semifinal contra a França, em uma partida que poderia entrar para a história – em caso de vitória, o Brasil garantiria ali a sua primeira medalha olímpica em uma modalidade coletiva. A possibilidade do feito inédito fez com que o rádio brasileiro vivenciasse um momento histórico. Em 11 de agosto de 1948, o jornal *A Noite* noticiava:

Brasil x França, pela Rádio Nacional

Uma sensacional reportagem radiofônica de Pilar Drummond, a partir das 17 horas, diretamente de Londres.

Atendendo ao interesse que está despertando em todo o país a decisão do Torneio Olímpico de Basketball, em Londres, a Rádio Nacional, mediante entendimentos com a B.B.C. e a Companhia Radiotelegráfica Brasileira (Radiobras) obteve um circuito para a transmissão direta do sensacional embate a ser realizado hoje em Haringay Arena, entre as equipes do Brasil e da França, semi-finalistas do empolgante certame.

Desse modo, a partir das 17 horas e na palavra de Pilar Drummond, os ouvintes brasileiros terão hoje uma completa reportagem do prelo em que o quadro invicto do Brasil enfrentará o seu sétimo adversário, na marcha empolgante para o título olímpico do basketball.

ALTO-FALANTES NA PRAÇA MAUÁ

A fim de facilitar ao público carioca a oportunidade de acompanhar em todos os seus detalhes o match Brasil x França, a Rádio Nacional vai colocar hoje, na Praça Mauá, em frente ao edifício de A NOITE, um amplo serviço de alto-falantes com os quais será retransmitida a descrição da peleja. Também uma rede de emissoras brasileiras levará a todos os pontos do território nacional a sensacional reportagem esportiva. (BRASIL X FRANÇA, PELA RÁDIO NACIONAL, 1948, p. 13)

A transmissão da partida entre Brasil e França tornou-se um verdadeiro evento, com o público podendo se reunir em um ponto central do Rio de Janeiro para ouvir pelos alto-falantes instalados pela Rádio Nacional. Houve ainda a distribuição do sinal para mais emissoras do país, por meio da rede. Pilar Drummond fez história diante dos microfones da Nacional.

Mais interessante ainda é saber que parte dessa história está preservada. Em consulta ao serviço de acervo da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), foi encontrada uma gravação de 15 minutos e 42 segundos da transmissão. No áudio, é possível perceber alguns sons ambientes e a entrada de mensagens publicitárias. Outro ponto que chama

atenção é o áudio ambiente e o fato de o narrador estar, durante toda a transmissão, sozinho. O estilo adotado por Pilar Drummond na narração é sóbrio, descrevendo lances da partida, mas também analítico, com algumas opiniões sobre o que ocorria em quadra. Os trechos descritivos de comentários se misturam, como podemos ver na transcrição abaixo.

Os brasileiros, porém, ainda não acertaram, não conseguiram acertar. Não vão com uma marcação eficiente na defesa, e no ataque, muito infelizes. Agora estão lá, dentro da defesa contrária, Algodão e Massinet. A troca de passes entre Rui e Massinet. Massinet se apossa da pelota, tenta uma cesta linda de costas, mas não consegue. Há um lance que podia ser para os franceses, passes curtos e muito calculados entre os nossos que agora estão no ataque, tentando cestas, até que Alfredo, Braz conseguiu colocar uma pelota de longe, marcando mais um ponto para os brasileiros! Os brasileiros estão reagindo de forma espetacular, estão atirando de longe, já conseguiram 24 pontos contra 36 dos franceses...

O trecho encontrado pelo arquivo da Rádio Nacional, contudo, não apresenta o início nem o final da transmissão. Além da transmissão, em si, chama atenção uma inserção publicitária, que cobre a voz do locutor com os seguintes dizeres:

Indisposição do estômago, sal de fruta Eno, E-N-O. O sal de fruta Eno está oferecendo aos ouvintes da Rádio Nacional e da Rede de Emissoras que retransmitem conosco essa reportagem, uma irradiação direta da peleja França e Brasil, pelo torneio olímpico de basquetebol.

Ao citar “essa reportagem”, o anúncio deixa claro que o caráter de transmissão esportiva ainda era algo incipiente. Outro ponto de destaque é a citação para a “rede de emissoras”, comprovando que, além da Nacional, essa transmissão foi compartilhada para outras estações de rádio. Quatro anos depois, a Rádio Nacional novamente colocaria à disposição de outras emissoras as transmissões olímpicas. O processo, porém, foi complexo e envolveu até o Presidente da República.

1952: Intervenção de Vargas para uma cobertura mais completa

Antes mesmo de começarem, os Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952, entraram para a história do rádio. Naquela edição, houve a presença de

150 repórteres de rádio de 30 países (KOLKKA, 1955). O Comitê Olímpico Internacional exigiu que todos os países atuassem no sistema de *pool*¹¹, sendo que Estados Unidos e União Soviética eram os únicos a terem direito a dois *pools*.

A determinação de realizar um *pool* único por país gerou controvérsia no Brasil. A Rádio Pan-Americana, de São Paulo, chegou a ser anunciada como responsável pelas transmissões, o que gerou revolta em radialistas no Rio de Janeiro e intervenção de agentes políticos. Em crônica no *Jornal dos Sports*, no dia 19 de junho de 1952, o jornalista Vargas Neto criticou a decisão de ceder a exclusividade do evento para a Rádio Pan-Americana.

O Comitê Olímpico Brasileiro está numa encruzilhada a respeito de uma concessão de privilégio para irradiação dos Jogos Olímpicos de Helsinqui.

Deu a concessão a uma única emissora, afastando da concorrência, sem concorrência, todas as demais emissoras brasileiras. O assunto tem varios aspectos a encarar. Em primeiro lugar um grupo de brasileiros não deveria privar de sua missão específica – informar o povo – varias empresas de radiodifusão do Brasil, que possuem o seu público e a sua freguesia. Cada porção de público tem a sua preferencia marcada por uma estação ou por um locutor. O privilegio viria a eliminar o direito de escolha, e alem disso, encarecer os preços dos anuncios pela falta de concorrência, que veio reduzir a um só veículo o meio de propaganda! O que se torna odiosa a proibição vexatória, abusiva e iniqua para as radiodifusoras de participarem de uma faculdade universalmente reconhecida de transmitir noticias, usando todos os meios de informações e obtendo os direitos iguais nas mesmas fontes, para fins idênticos. A liberdade do franco acesso aos locais de informação foi uma das liberdades reconhecidas pelas Nações Unidas. E há também o direito de exercer esse comércio lícito de publicidade, excluindo, portanto, o privilégio, aliás, sem razão lógica, como se fosse cartel internacional, ou um trust assambarcador de noticias. A decisão não encontra apoio nem simpatia do Comitê Internacional, nem da nossa representação diplomática na Finlândia, como não pode obter a proteção do Governo, cuja orientação é contra os trusts e privilegios. Sei que as associações de classe de locutores e cronistas não ficarão indiferentes. (PONDERAÇÃO, 1952, p. 5)

Em 28 de junho, o jornal *A Noite* informava sobre o protesto dos

¹¹ Em um sistema de *pool*, diversas emissoras compartilham uma mesma transmissão. Esse sistema é mais amplo que a formação de redes, tendo em vista que mesmo emissoras concorrentes passam a compartilhar a mesma transmissão.

parlamentares do Rio de Janeiro contra a exclusividade e trazia uma informação extra.

O RÁDIO BRASILEIRO EM HELSINKI

O Comitê Olímpico Brasileiro hoje reunido para apreciar mais uma vez a questão das transmissões radiofônicas de Helsinqui para o Brasil por ocasião dos próximos Jogos, recebeu a visita de uma comissão de vereadores cariocas constituída pelos Srs. João de Freitas, Leite de Castro e Joaquim Couto de Souza, a qual apresentou um apelo do Legislativo carioca para que a questão fôsse reaberta, de modo a evitar que houvesse exclusividade para uma só emissora. Respondendo ao apelo feito pelo vereador João de Freitas, o Sr. Ferreira dos Santos, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, comunicou que aquele órgão recebera um apelo do govêrno, por intermédio do dr. Lourival Fontes, no mesmo sentido e decidira encaminhar ao presidente da República a solução definitiva da questão, uma vez que Rádio Pan-Americana, de São Paulo, diante da marcha dos acontecimentos, também abrisse mão, a partir daquele momento, da concessão que o Comitê lhe havia outorgado. (OS JOGOS OLÍMPICOS, 1952, p. 7)

Em edição datada também de 28 de junho, o *Correio da Manhã* trazia a solução do caso.

Antes do presidente do C.O.B. sr. Ferreira dos Santos, ter anunciado aos presentes o desejo do presidente da República, uma comissão da Câmara dos Vereadores composta pelos edis João de Freitas, Leite de Castro e Joaquim Couto e Soza, por intermédio do primeiro, fizera-se ouvir, justamente para fazer um apêlo no mesmo sentido. Tornou-se o mesmo, porém, desnecessário, se bem que oportuno, em vista do que já havia deliberado o Comitê com a anuência dos diretores da Rádio Pan-Americana de São Paulo. É que, numa demonstração eloqüente de desprendimento e diante da solicitação do presidente da República, resolveram os citados dirigentes desistir da exclusividade que o Comitê Olímpico Brasileiro, de uma ou outra maneira, lhes haviam concedido. Sendo assim ficou o Comitê Olímpico Brasileiro à vontade para decidir, de conformidade com as autoridades superiores, o melhor meio de serem transmitidas as competições dos Jogos Olímpicos, sem que nenhuma das estações interessadas possa se julgar prejudicada. (PAVAM E GONÇALVES NA DELEGAÇÃO OLÍMPICA BRASILEIRA, 1952, p. 1)

A intervenção direta do presidente Getulio Vargas foi fundamental para que a Rádio Pan-Americana abrisse mão da exclusividade. Tanto que, no dia em que o presidente se despediu dos atletas brasileiros que embarcaram rumo a Helsinque, o jornalista Antônio Cordeiro aproveitou para agradecer a

intervenção do político em favor da Rádio Nacional.

Após a palavra do presidente da República, o locutor Antônio Cordeiro pediu a palavra para agradecer ao chefe do Governo, em nome das rádios nacionais, a sua intervenção a fim de que as emissoras do país, pudessem transmitir os XV Jogos Olímpicos e explicou que apenas uma estação de rádio havia conseguido o privilégio da irradiação, mas que solicitado ao Sr. Getúlio Vargas a sua interferência a favor dos demais, imediatamente o foi resolvido o impasse e graças ao presidente Getúlio Vargas todos os brasileiros terão a oportunidade de ouvir o desenrolar do magnífico certamente esportivo diretamente de Helsinque. (OS DESPORTISTAS OLLIMPICOS DESPEIRAM-SE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, 1952, p.12)

Também pelo *A Noite*, mas em edição de 11 de julho, foi veiculada a informação sobre as emissoras que poderiam solicitar à Rádio Nacional a possibilidade de compor uma cadeia de transmissão dos Jogos Olímpicos.

As emissoras dos Estados e locais que desejarem entrar em rede com a Nacional para retransmissão dos jogos e boletins das Olimpíadas, podem fazê-lo livremente. Logo que fiquem estabelecidos os horários dos jogos e dos boletins, levá-lo-emos ao conhecimento de todos. ("COPA RIO" E AS OLIMPIADAS PELA RADIO NACIONAL. A Noite, 1952, p. 12)

A *Revista do Rádio*, por exemplo, aponta que a Rádio Pernambuco foi uma das emissoras que retransmitiu os Jogos. Já o periódico *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, cita transmissões em cadeia dos Jogos Olímpicos com transmissões na Rádio Continental.

Resolvido o imbróglio, a Rádio Nacional manteve uma programação diária com boletins dos Jogos Olímpicos. Parte destes, com duração aproximada de 15 minutos, está preservada pelo arquivo da EBC. Além das transmissões diárias gravadas, ainda são encontrados momentos históricos, como as transmissões da prova de salto triplo de Adhemar Ferreira da Silva, na qual ele conquistou a primeira medalha de ouro da história do atletismo brasileiro, e os momentos finais da prova de 1.500 metros nado estilo livre, na qual Tetsuo Okamoto se sagrou medalhista de bronze.

Dentre o material existente no acervo da EBC, vale a transcrição de alguns trechos. O modelo de jornalismo praticado é clássico, com a veiculação dos principais resultados e também entrevistas, como é possível

notar a seguir.

Raul Brunini: Senhoras e senhores ouvintes da Rádio Nacional, temos o prazer de trazer ao nosso microfone José Telles da Conceição, o destacado atleta brasileiro, que no dia inaugural das provas atléticas da 15ª olimpíada de Helsinque, fez tremular, no mastro da vitória, com o terceiro lugar, a bandeira do Brasil. José Telles da Conceição vai se dirigir agora aos ouvintes de todo o Brasil, através da Rádio Nacional.

José Telles: Desportistas da Rádio Nacional, boa noite. Meus amigos do Brasil, estou muito emocionado ao falar para todos, depois da vitória do nosso país, com o terceiro lugar no salto de altura. Para mim, é motivo de satisfação ostentar, pois veio com os meus esforços por vários meses de treinamento, e a dedicação do professor Gonçalves, um grande técnico de atletismo no Brasil. Espero que os meus patrícios tenham ficado satisfeitos com esse resultado, e se mais não fiz foi por falta de sorte. Aproveito a oportunidade da Rádio Nacional e envio à minha família as minhas saudades. Boa noite, amigos do Brasil, e agora vamos torcer para os outros colegas de nossa equipe.

A fala de José Telles é clara, direta, mas também extremamente formal, fazendo um agradecimento, citando nominalmente o trabalho do técnico que o acompanhava. Outro ponto de destaque é que a entrevista foi realizada por Raul Brunini, que trabalhava para a Rádio Globo. Em Helsinque, ele atuou em conjunto com a equipe da Rádio Nacional, tendo em vista o sistema de *pool*.

Dias depois, a Rádio Nacional irradiou, ao vivo, a conquista da primeira medalha de ouro do atletismo brasileiro, com Adhemar Ferreira da Silva, no salto triplo. O brasileiro liderava a competição no momento de seu último salto. A gravação da narração de Antônio Cordeiro está preservada, e é transcrita abaixo.

Antônio Cordeiro: Já se prepara Adhemar Ferreira da Silva, que hoje quebrou o recorde mundial no estádio Olímpico Olympiastadion, com 16 metros e 12. Recorde anterior que lhe pertencia, com 16m01, e quebrado aqui duplamente. Adhemar agora na série final, também já obteve no primeiro salto 16 e 9. Porém sua melhor marca é 16m12, quando se prepara para o segundo salto da última série. Toma posição o brasileiro Adhemar Ferreira da Silva, a sensação da tarde de hoje no estádio olímpico em atletismo. Coloca-se Adhemar, atenção já na pista, toma posição. Partiu Adhemar, no pique, lá vem ele. Atenção, vai colocar a primeira perna, a segunda perna, atenção, desprende o corpo, um bom salto, um bom salto. Adhemar... (gritos) é quebrado o novo recorde, 16 e 22, sensação no estádio olímpico, é uma sensação todo o estádio olímpico, é uma sensação. 16 e 22 para Adhemar, quebrando então, a sua melhor marca, que era 16 e 12.

Ao descrever as rotinas de transmissão esportiva para rádio, Araújo e Almeida (2007) constatam que, apesar de a maior parte das emissoras comerciais limitar as suas transmissões a esportes coletivos, existe uma série de possibilidades para a transmissão de diferentes modalidades. Ao relatar a técnica utilizada para narrar o salto triplo nos Jogos Pan Americanos de 2007, os autores detalham:

Nas execuções de salto com medição horizontal, salto triplo e salto em distância, a técnica narrativa consistia em apresentar inicialmente o comportamento do atleta antes do salto através dos indicativos de expressividade e a interação com a torcida. Posteriormente, descrevíamos o percurso do atleta durante a corrida (destacando, para o caso do salto triplo, quando se dava a primeira, a segunda e a terceira impulsão), a entrada na caixa de areia e o comportamento do atleta após o salto. Todo o processo narrativo da execução era repetido pelo menos uma vez, enquanto aguardávamos a confirmação da distância alcançada pelo esportista. (ARAÚJO; ALMEIDA, 2007, p. 109)

A descrição da técnica utilizada em 2007, se assemelha ao estilo adotado por Antônio Cordeiro, em Helsinque 1952. O narrador cria um “cenário sonoro”, que envolve os ouvintes. Elementos como o tom de voz, para definir os diferentes momentos da prova, com o ápice sendo a divulgação do resultado obtido por Adhemar Ferreira da Silva, e a vibração dos torcedores, ajudam a construir a transmissão. Schinner (2004) define este tipo de narração como linear ascendente pois há uma evolução de acordo com o clímax da competição.

O mesmo modelo é encontrado na narração dos instantes finais da prova de 1.500 metros de natação, na qual o brasileiro Tetsuo Okamoto conquistou o terceiro lugar. O áudio dessa prova é transcrito abaixo.

Antônio Cordeiro: Atenção, senhores ouvintes, neste momento passamos a falar diretamente da piscina olímpica de Helsinque para apresentar o final emocionante da prova de mil e quinhentos metros livre, na qual o brasileiro Okamoto está disputando arduamente a terceira colocação com o nadador norte-americano McLane que corre na raia um. Enquanto isso, trava-se também um duelo sensacional entre Konno dos Estados Unidos e Hashizume do Japão, sendo que Konno já tomou a dianteira e está liderando a prova, depois de Hashizume ter liderado o posto durante mil e duzentos metros. Enquanto isso, trava-se duelo sensacional. Vão bater para os mil e

quatrocentos metros, bateu primeiro McLane, bateu depois Okamoto, disputando a terceira e a quarta colocação neste momento. Pequena vantagem para McLane, confiamos, entretanto, no sprint final de Okamoto. Vejamos nos últimos 50 metros se o extraordinário nadador brasileiro conseguirá manter a terceira colocação que ele assumiu desde os cem metros, e somente nos mil e trezentos metros cedeu para o nadador norte-americano. Assim mesmo, é ínfima a diferença entre Okamoto e McLane e teremos, portanto, um final sensacional pelo terceiro e quarto posto. Enquanto isso, o nadador norte-americano, surpreendendo a todos, aliás, refiro-me a Konno, vem já ganhar a prova numa vantagem extraordinária de um quarto de piscina sobre o japonês Hashizume. A assistência já começa a aplaudir... já ganhou a prova. Aí vemos agora o duelo para o terceiro posto. Vem no seu sprint sensacional Okamoto, vem chegando também pela raia... chegada sensacional de Okamoto, vibra a torcida, vibra a piscina inteira. Bateu Okamoto, bateu McLane, uma virada sensacional, de acordo com as nossas previsões.

Assim como José Telles da Conceição, os outros dois medalhistas olímpicos brasileiros foram entrevistados pela Rádio Nacional. Os áudios seguem preservados, com o seguinte conteúdo:

Adhemar Ferreira da Silva: Ouvintes do meu querido Brasil, o meu boa noite. Estou bastante satisfeito por ter, não só me tornado campeão olímpico, como ter quebrado o recorde olímpico, o recorde mundial da prova de salto triplo. Meus ouvintes, eu espero que os de São Paulo estejam ouvindo, os meus familiares, espero mandar um abraço bastante saudoso. E devo dizer que dedico essa vitória antes que aos brasileiros, dedico aos meus pais. Peço perdão para isso, mas dedico primeiro aos meus pais, depois aos meus familiares, e, enfim, para todos os brasileiros, todos que estavam esperando o resultado final da responsabilidade que eu trazia em minhas costas quando saí de São Paulo, do Rio, para Helsinque. Agora espero, se Deus quiser, voltar ao meu Brasil, abraçar os meus familiares, os meus amigos, com a maior das satisfações, estou com a cabeça erguida por ter cumprido o meu dever, a minha obrigação. Muito obrigado, brasileiros, e até a volta, se Deus quiser.

Na entrevista com Tetsuo Okamoto, percebe-se uma interação e empolgação do jornalista Antônio Cordeiro, logo após a prova.

Tetsuo Okamoto: Amigos ouvintes, estou grandemente satisfeito com essa vitória, porque essa vitória representa seis anos de labuta diária na piscina, treinando diariamente. Estou satisfeito, por ter completado os meus esforços e, também, por ter elevado o nome do Brasil nessa distante e longínqua...

Antônio Cordeiro: Um momentinho, Okamoto, eu gostaria de

perguntar a você uma coisa: você percebeu quando o McLane tentou te passar, por que você nadava na raia seis e ele na raia um?

Tetsuo Okamoto: Dava para perceber, apesar do sol, eu pude ver o McLane se aproximar, mas eu nadava mais à frente.

Antônio Cordeiro: Mas você confiava na sua virada final?

Tetsuo Okamoto: Esperava imprimir maior velocidade que a dele.

Após os Jogos, Antônio Cordeiro não escondeu o orgulho em ter realizado a cobertura em Helsinque. Em entrevista à *Revista do Rádio*, Cordeiro exaltou o trabalho e aproveitou para tecer críticas à Rádio Pan-Americana.

“Em 1º lugar devo declarar aos amigos da REVISTA DO RÁDIO que a formação da Rêde Olímpica Brasileira, o chamado ‘pull’, constituiu, para nós, antes do embarque para Helsinque, verdadeira odisséia. A incompreensão de alguns, a confusão estabelecida junto ao Comitê Olímpico, sobre os verdadeiros objetivos da Finlândia em relação às emissoras do resto do mundo, e finalmente, a falta do ‘espírito olímpico’, de alguns interessados obrigaram as emissoras brasileiras a uma verdadeira batalha que afinal terminou com a vitória da razão [...] Antes de mais nada, devo esclarecer que nós, os repórteres e locutores do rádio brasileiro, que foram a Helsinque, eu, Raul Brunini, Waldir Amaral, Benjamin Wright e nossa boa colaboradora Ivete Mariz não encontramos a menor dificuldade de ordem ideológica, nem a menor restrição ao nosso trabalho.” (NAS OLIMPÍADAS DE HELSINQUE, O RÁDIO BATEU UM RECORDE!, 1952, p.12)

Dificuldades à parte, o trabalho foi realizado e segue preservado até os dias atuais no acervo da EBC. Atuando em conjunto, radialistas de diversas emissoras foram os responsáveis por informar aos torcedores brasileiros o que ocorria nos campos, pistas, piscinas e quadras da Finlândia. O rádio, mais uma vez, mostrava sua capacidade de superar os limites territoriais e trazia a emoção dos eventos esportivos para o cotidiano do público.

Considerações finais

Com a transmissão de boletins, provas ao vivo e entrevistas com atletas, técnicos e dirigentes, além da análise de correspondentes enviados por veículos de comunicação brasileiros, a cobertura dos Jogos Olímpicos de

1952 é um marco para o rádio brasileiro.

Pereira (2012) destaca que a Rádio Nacional teve um papel importante no engendramento da identidade brasileira durante o período do Estado Novo, que terminou em 1945. A intervenção de Getúlio Vargas em prol da emissora, em 1952, mostra que mesmo em seu último período como governante, Vargas continuou valorizando a Rádio Nacional e trabalhando para que a emissora tivesse um papel de destaque. A interferência do político deixa claro, mais uma vez, que o sofisma que esporte e política não se misturam é apenas um chavão utilizado por aqueles que tentam descaracterizar o fenômeno esportivo. Grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos, são momentos nos quais o caráter de representatividade nacional se faz presente (ALMEIDA, 2021). Ressalte-se que a Rádio Nacional atuou como a líder de um *pool* e que, mesmo com a possibilidade de ser ouvida em ondas curtas, também houve a cessão da transmissão para outras emissoras interessadas em replicar o sinal.

Embora a expansão da televisão e a venda dos direitos de transmissão tenham feito deste meio a principal fonte de receitas do Comitê Olímpico Internacional (ALMEIDA; FRANCESCHI NETO, 2019), é indiscutível o papel que o rádio desempenhou em favor da difusão dos Jogos Olímpicos e ainda pode desempenhar.

Outro ponto que merece destaque é o fato de áudios históricos, como as entrevistas de pioneiros do esporte olímpico brasileiro (Adhemar Ferreira da Silva, José Telles da Conceição e Tetsuo Okamoto) ainda estarem preservados no acervo da EBC.

Este artigo não esgota o tema e abre possibilidades para novas pesquisas sobre o trabalho desenvolvido na cobertura esportiva em rádio no Brasil, a fim de mostrar sua contribuição do rádio não apenas para a difusão do futebol, mas também para outros esportes.

Referências

A SERVIÇO DO POVO POR TODA A PARTE. **Revista do Rádio**, 27 fev. 1951.

A TRANSMISSÃO DOS JOGOS OLYMPICOS PARA O BRASIL PELO RADIO.
Diário da Tarde, 24 jul. 1936.

AS OLIMPÍADAS DE LONDRES. **A Manhã**, 7 jul. 1948.

ALMEIDA, Hamilton. **Padre Landell: o brasileiro que inventou o wireless**. Florianópolis: Insular, 2022.

ALMEIDA, William Douglas de. **Brasileiros, por que não?** Trajetória e identidade dos migrantes internacionais no esporte olímpico do Brasil. Laços, 2019.

ALMEIDA, William Douglas de; FRANCESCHI NETO, Virgílio. Entre o direito de transmitir e o de informar. In Rubio, Katia (org.). **Do pós ao neo olimpismo: esporte e movimento olímpico no século XXI**. pp. 145-159. Laços, 2019.

ALMEIDA, William Douglas; RUBIO, Katia. Internationalism and the first editions of the Modern Olympics. **International Sports Studies**, v. 40, n. 2, p. 34-46, 2018.

ARAÚJO, Daniel Gomes do Nascimento de; ALMEIDA, William Douglas de. Download de Emoção: O Pan off-tube na Unesp Virtual. Trabalho de Conclusão de Curso – Comunicação Social/Jornalismo, FAAC/Unesp, 2007. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/William-Almeida-2/publication/304318498_DOWNLOAD_DE_EMOCAO_O_PAN_OFF-TUBE_NA_UNESP_VIRTUAL/links/576bd78b08aef53f8d78fcf2/DOWNLOAD-DE-EMOCAO-O-PAN-OFF-TUBE-NA-UNESP-VIRTUAL.pdf. Acesso em 5 jul. 2022

AZEVEDO, Lia Calabre. No Tempo do Rádio. Radiodifusão e Cotidiano no Brasil. 1923-1960. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

BRASIL X FRANÇA, PELA RÁDIO NACIONAL. **A Noite**, 11 ago. 1948.

"COPA RIO" E AS OLIMPIADAS PELA RADIO NACIONAL. **A Noite**, 11 jul. 1952.

CREPALDI, Daniel Damasceno. A participação da rádio nacional na difusão do futebol no Brasil nas décadas de 1930 e 40. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 2009.

DE FRANÇA PEREIRA, Maria Fernanda. Comunidade imaginada sonora: a Rádio Nacional e o engendramento da identidade brasileira no Estado Novo. **Rádio-Leituras**, v. 3, n. 2, p. 129-149, 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. Aqui, o rádio de lá: uma análise histórica das influências estrangeiras nas emissoras brasileiras. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 9, n. 18, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. Roberto Landell de Moura, o pioneiro brasileiro das telecomunicações. In: KLÖCKNER, Luciano; CACHAFEIRO, Manolo Silveiro (org.). **Por que o padre Roberto Landell de Moura foi inovador?** Porto Alegre: Ed. da PUCRS/ Prefeitura de Porto Alegre, 2012. p. 38-54. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0226-8/pages/v2.pdf>. Acesso em 9 ago. 2022.

FERRARETTO, Luiz Artur. O rádio antes do rádio: o Brasil como mercado para a indústria eletroeletrônica (1910-1920). **Conexão: comunicação e cultura**. Caxias do Sul. Vol. 17, n. 33 (jan./jun. 2018), p. 145-164, 2018.

FERRARETTO, L. A. Por que o rádio brasileiro começou em Recife. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. e40142, 2021. DOI: 10.15448/1980-3729.2021.1.40142. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/40142>. Acesso em: 22 dez. 2022.

GIGLIO, Sérgio Settani. COI x FIFA: a história política do futebol nos jogos olímpicos. Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.39.2013.tde-21012014-133735. Acesso em 5 jul. 2022.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. O INÍCIO DA NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO BRASILEIRO: As Transmissões Pioneiras. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil; KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina; ZUCULOTO, Valci (org.). **Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção**. Ijuí: Unijuí, 2020.

INFORMAÇÕES OLYMPICAS. **Correio da Manhã**, 19 abr. 1936.

KOLKKA, Sulo. The Official Report of the Organising Committee for the Games of the XV Olympiad Helsinki 1952. WERNER SÖDERSTRÖM OSAKEYHTIÖ, HELSINKI, 1955. Disponível em <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/4950/rec/21>. Acesso em 5 jul. 2022.

LARROSA, Miranda. Broadcasting the Olympic Games: the media and the olympic Games. The Olympic Museum. Lausanne, 2016. Disponível em <https://library.olympics.com/Default/doc/SYRACUSE/185172/broadcasting-the-olympic-games-the-media-and-the-olympic-games-miranda-larrosa>. Acesso em 5 jul. 2022.

LEMOS, Danilo Luis Rodrigues. A história social do movimento olímpico brasileiro no início do século XX. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.39.2008.tde-11082008-093623. Acesso em 5 jul. 2022.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, v. 13, p. 179-188, 1999.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. Jogos Olímpicos de Berlim 1936: o uso do esporte para fins nada esportivos. **Logos**, v. 19, n. 1, 2012.

MUSTAFÁ, Izani. O uso político do rádio pelos ditadores Getúlio Vargas (Brasil) e António de Oliveira Salazar (Portugal) no período de 1930-1945. Tese de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2014.

NAS OLIMPÍADAS DE HELSINQUE, O RÁDIO BATEU UM RECORDE! **Revista do Rádio**, 23 set. 1952.

ORGANISATIONSKOMITEE FÜR DIE XI. OLYMPIADE BERLIN. XI Olympic Games, Berlin, 1936 : Official Report, v.1, 1937. Disponível em <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/16471/rec/14>. Acesso em 5 jul.2022.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

OS DESPORTISTAS OLLIMPICOS DESPEDIRAM-SE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA. **A Noite**, 5 jul. 1952.

OS JOGOS OLÍMPICOS. **A Noite**, 28 jun. 1952.

OS JOGOS OLYMPICOS SERÃO IRRADIADOS PARA O BRASIL. **O Imparcial**. 31 jul. 1936.

PAVAM E GONÇALVES NA DELEGAÇÃO OLÍMPICA BRASILEIRA. **Correio da Manhã**, Segundo Caderno, 28 jun. 1952.

PEREIRA, Maria Fernanda de França. Comunidade imaginada sonora: a Rádio Nacional e o engendramento da identidade brasileira no Estado Novo. **Rádio-Leituras**, v. 3, n. 2, p. 129-149, 2012.

PONDERAÇÃO. **Jornal dos Sports**, 28 jun. 1952.

PROGRAMMA OLYMPICO. **Correio da Manhã**, 11 jan. 1936.

RÁDIO. **Diário de Pernambuco**, 29 dez. 1935.

REPORTAGENS SOBRE AS OLYMPIADAS, **A Notícia**, 8 ago. 1936.

RUBIO, Kátia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, p. 55-68, 2010.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos**: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Panda Books, 2015.

SILVA NETO, Antônio Argolo. Radiodifusão Internacional: O Desenho do Mundo na Sintonia das Ondas Curtas. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2011.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

SOLIS, Victor Nigro Fernandes. Condições históricas para a formação da rádio nacional do Rio de Janeiro. **Revista de História Comparada**, v. 4, n. 2, p. 43-70, 2010.

THE ORGANISING COMMITTEE FOR THE XIV OLYMPIAD. The official report of the organising committee for the XIV Olympiad. Londres, 1951. Disponível em <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/5717/rec/19>. Acesso em 5 jul. 2022.

TRANSMISSÕES ESPECIAIS DA PRÓXIMA OLIMPÍADA, **Jornal do Brasil**, 9 ago. 1936

XTH OLYMPIADE COMMITTEE OF THE GAMES OF LOS ANGELES, U.S.A. 1932, LTD. The Games of the Xth Olympiad Los Angeles 1932. Official Report. Los Angeles, 1933. Disponível em <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/8040/rec/13>. Acesso em: 5 jul.2022.

Declaração de conflito de interesses

Não há conflito de interesses entre os autores e o tema do artigo citado.

Os autores não receberam apoio financeiro de órgãos de fomento para a produção deste texto.